

A VOLTA DE RICARDO CONFESSORI AO ANGRA · STEVE SMITH · MARGCIO SILVA

A REVISTA DE
BATERIA Nº 1 DO MUNDO

MODERN DRUMMER

MAYO 2009

melody
editions

RUBINHO BARSOTTI

VIDA E ARTE NO MESMO COMPASSO

BENNY GREB
CONTA SOBRE SEU NOVO DVD

MAURÍCIO ZOTTARELLI
RODANDO O MUNDO COM
A PIANISTA HIROMI

HOMENAGEM A
LOUIE BELLSON

AS GRAVAÇÕES HISTÓRICAS
DE TERRY BOZZIO

NOVAS
COLUNAS
PRATO PREDILETO
E CLÁSSICO

EQUIPAMENTOS

BAQUETAS ALBA MODELO CHOCOLATE,
ROBERTINHO SILVA E RUDIMENTOS 3A

KIT TAYE STUDIO BIRCH

PRACTICE PAD DE BUMBO HQ REALFEEL

PRATOS ORION SÉRIE X10

COLUNAS DE ESTUDO

APRENDA A TOCAR SALSA EM 7/8

AMPLIANDO O CONCEITO DO SHUFFLE

ANALISANDO IVAN CONTI, O "MAMÃO"

DESVENDANDO A POLIRRITMIA

PEDAL DUPLO: UMA ABRDAGEM DIFERENTE

MELHORE SEU TOQUE DUPLO

ANÁLISE DE ESTILO: TONINHO PINHEIRO





26 RUBINHO BARSOTTI

Rubens Alberto Barsotti, o Rubinho, é um músico atuante, atual e de estilo inconfundível. Formou o Zimbo Trio com o baixista Luiz Chaves e o pianista Amilton Godoy, e é um dos fundadores do Centro Livre de Aprendizagem Musical, o Clam. No fim dos anos 40 Rubinho já exercitava sua arte aliando o requinte do jazz e o swingue do samba.

34 MAURÍCIO ZOTTARELLI

O baterista paulista Maurício Zottarelli formou-se na Berklee College Of Music e reside em Nova Iorque. Por lá vem construindo uma sólida carreira e é o atual baterista da pianista/tecladista Hiromi.

40 LOUIE BELLSON: 1924 – 2009

Ele será lembrado por muitas coisas, incluindo técnica fenomenal, solos construídos com lógica composicional, o uso pioneiro de dois bumbos, composições inesquecíveis, métodos de bateria populares e clínicas informativas e divertidas. O que mais deixará saudades, porém, serão seu sorriso, sua receptividade e seu entusiasmo pela bateria e pela vida.

48 BENNY GREB

O famoso baterista alemão Benny Greb tem muito a dizer atualmente. Ele vem subindo de posto como um dos principais bateristas no mundo dos workshops e também se mantém extremamente ocupado lecionando, compondo e produzindo suas próprias músicas, fazendo gravações e excursões com várias bandas da Alemanha e Europa, além de fazer apresentações divulgando o lançamento do seu DVD instrucional *The Language Of Drumming: A System For Musical Expression* (A Linguagem da Bateria: Um Sistema Para Expressão Musical).



14 FIQUE POR DENTRO

A VOLTA DE **RICARDO CONFESSORI**
AO ANGRA

MARCIO SILVA MISTURANDO JAZZ
COM REGIONALISMOS

STEVE SMITH CABEÇA, MÃOS, PÉS E
"OMBROS"

54 PLAYBACK

TERRY BOZZIO O BATERISTA COMO
ORQUESTRA

Por Michael Bettine

57 VAMUTOCAMOÇADA!!!

SERÁ QUE ESTÃO QUERENDO
"LIMAR" OS BATERISTAS?

Por Dudu Portes

Maurício Zottarelli

RODANDO O MUNDO COM GRANDES MÚSICOS INTERNACIONAIS

Por Vlad Rocha

Maurício Zottarelli é de Rio Claro, SP, formou-se na Berklee College of Music, onde ganhou uma bolsa integral, mora nos EUA desde 1999 e atualmente toca com a pianista/tecladista Hiromi (na edição do mês passado mostramos uma entrevista com Martin Valihora, ex-baterista de Hiromi). Com vocês, a entrevista com esse grande baterista que leva a qualidade da música brasileira para todo o mundo.

MD: Com quem você já tocou e com quem está tocando?

Maurício Zottarelli: Desde que me formei em música, em 2002, tenho tocado com vários artistas da nossa música brasileira e também do jazz, fusion, música latina e pop/rock. Atualmente toco e viajo pelo mundo com a pianista japonesa Hiromi, mas tenho tocado também com Eliane Elias, Marc Johnson, Dom Salvador, Prasanna, Nilson Matta, Claudio Roditi, Gustavo Assis-Brasil, Marc Rossi Group, Jovino Santos Neto, Cidinho Teixeira, Oriente Lopez, entre outros. Já me apresentei também com Rosa Passos, Esperanza Spalding, Toninho Horta e Tim Ries, entre outros.

MD: Como foi sua formação como baterista? O que mais valorizou em seus estudos?

Maurício Zottarelli: Comecei a tocar bateria mais seriamente quando tinha 14 anos. Acho que a ideia de tocar já estava comigo desde pequeno, quando brincava com as panelas e colheres da minha mãe, batucando no sofá de casa ou onde quer que conseguisse um som bacana. Meu pai também é músico e às vezes eu o acompanhava tocando bongôs. Um dia pintou uma oportunidade de tocar bateria num festival na escola e não pensei duas vezes. No ensaio usei um teclado com som de bateria e toquei os grooves com os dedos, pois não tinha instrumento. No dia do show, toquei numa bateria completa, emprestada, pela primeira vez e foi superlegal!

Decidi levar o vídeo para meu pai assistir e no dia seguinte ele me levou a uma loja para comprar uma bateria.

Quando completei 19 anos decidi fazer aulas e estudar o instrumento mais seriamente. No começo, estudei bastante leitura e percepção e sempre gostei muito de tocar horas com o metrônomo ligado, tocando o que viesse à cabeça. Adoro também escolher um groove e tocá-lo por bastante tempo, explorando diferentes dinâmicas, orquestrações e andamentos. Alguns anos depois comecei a estudar o livro *The New Breed*, escrito por Gary Chester, que mudou minha vida. O método de Gary abriu as portas para a possibilidade de estudar múltiplas coisas num mesmo exercício. Seus sistemas envolvem o estudo da leitura, groove, coordenação, respiração e postura no kit, o *inner-clock* (nosso relógio interno) e mais, tudo acontecendo simultaneamente. Isso foi o máximo para mim, e até hoje este livro é minha principal fonte de inspiração para estudar e tentar desenvolver algo novo.

Logo no começo, percebi que apesar de adorar tocar e buscar um aperfeiçoamento constante, não conseguia manter uma rotina de estudo individual extremamente rígida, pois o que gosto mesmo é de tocar e interagir com outros músicos. Então, o que sempre valorizei, e até hoje procuro fazer, é tocar com outras pessoas o máximo possível. Obviamente sempre temos coisas para

praticar sozinhos: técnica, coordenação, mas, na minha concepção, e seguindo meu objetivo pessoal, a melhor maneira de crescer musicalmente é buscar novas experiências em conjunto com outros músicos — e de preferência, ao vivo!

MD: Você é canhoto, mas toca com a bateria montada para destro. Como decidiu aplicar isso e como isso ajuda em sua abordagem do instrumento?

Maurício Zottarelli: Montar a bateria como destro aconteceu por acidente. Na apresentação no festival da escola que comentei anteriormente havia outras bandas tocando, então eu não podia mudar o kit completamente por falta de tempo. Mas acho que a ideia de inverter o kit nem me ocorreu, pois como nunca tinha tocado antes, não fazia diferença. Mudei o prato de condução de lugar, para tocar com a mão esquerda, e assim aconteceu. Lembro-me de ter um pouco de problema no começo em relação à coordenação do pé direito no bumbo, mas consegui tocar as coisas mais básicas muito rapidamente. Com o passar do tempo, tudo ficou muito natural para mim. Um dos primeiros bateristas que vi, e que me impressionou muito, foi Simon Phillips, e sempre gostei muito do jeito como ele toca, “aberto” também. Isso me estimulou a continuar tocando dessa forma e a explorar as possibilidades.

O fato de não cruzar as mãos permite inúmeras possibilidades de condução no hi-hat ou ride com combinações de surdo, tons ou caixa usando

a mão direita, que não seriam possíveis tocando de outra maneira. Tocar assim contribuiu e ainda contribui na minha busca em encontrar um som único.

Uma desvantagem aparece às vezes quando tenho de ler partes específicas de bateria, ou seja, com tudo escrito. Os compositores e arranjadores não têm como saber se somos canhotos ou não, e se invertemos o kit ou não. Dependendo do groove ou virada escrita, tenho de trocar ou ajustar a combinação das mãos para conseguir executar a passagem escrita de maneira adequada. Em alguns casos, isso acaba também “forçando” a mão “fraca” e pode transformar uma passagem razoavelmente tranquila de tocar num momento frustrante! Mas, com o passar do tempo e um pouquinho de estudo, tudo vai ficando mais fácil e a recompensa é extremamente gratificante!

MD: Como surgiu a oportunidade de estudar nos EUA?

Maurício Zottarelli: Em 1998-1999 eu estava estudando com o Alaor Neves em São Paulo, e ele me contou sobre os testes que a Berklee College of Music estaria conduzindo em 1999, no Conservatório Souza Lima. Alaor me ajudou na preparação para o teste, e juntamente com minha família, me incentivou bastante para tentar fazer algo único no dia da prova. Decidi compor uma música, sequenciar tudo e levar o CD como play-along no dia da prova. Foi uma tremenda experiência! Os professores da Berklee gostaram muito da minha apresentação e me deram uma bolsa de estudo para o curso completo. Mudei-me para Boston no mês maio de 1999, para fazer o curso de quatro anos. Acabei por me formar em três anos e desde então tenho morado nos EUA. Atualmente resido em Nova York.

MD: Você poderia traçar um paralelo da sua evolução como músico desde que saiu do Brasil até o momento em que se formou na Berklee?

Maurício Zottarelli: Tendo crescido no interior de São Paulo, imagino que certas influências que tive — culturais, musicais e sociais — me levaram a ser do jeito que sou e a tomar decisões de uma certa forma. Sempre me dediquei bastante à música e ao estudo, pois sabia que teria de encarar a “cidade grande” um dia, e queria estar o mais preparado possível. Por causa do meu interesse em jazz, fusion, blues, rock, funk, a decisão de estudar nos EUA fez muito sentido para mim. Mas uma coisa que me pegou de surpresa foi o contato com a música brasileira. Já no primeiro semestre de aulas, percebi uma paixão dos músicos em geral pela MPB e música instrumental brasileira. Eu não tinha muito conhecimento do assunto até então, e isso foi uma tremenda descoberta — e, por que não dizer, um puxão de orelha também! —, e algo que me ajudou muito a moldar meu estilo de tocar



Mark Longo



Mark Bou

e apreciar música. Comecei a aprender as nossas coisas, a nossa música, e tentava absorver o máximo quando vinha para o Brasil. A Berklee é uma escola que pode ser muito difícil e exigente. A grade curricular obriga o músico a estudar a fundo harmonia, percepção e teoria. Além disso, optei por estudar mais a fundo arranjo, composição e trilhas sonoras. Isso abriu minha cabeça para outro mundo da música que eu não conhecia e mudou muito minha maneira de encarar a bateria. O fato de estar em outro país, longe de tudo e de todos, também ajudou de certa forma a manter o foco e a disciplina. Acho que esses três anos de faculdade foram os mais duros e intensos em termos de estudo, autodescoberta, aperfeiçoamento, felicidade, crescimento, frustração,

saudade da família, crises existenciais semanais, mas tive como recompensa final toda a experiência adquirida.

MD: Quando você se formou na Berklee, quais foram seus maiores desafios? Pensou em voltar ao Brasil?

Maurício Zottarelli: Eu estava realmente indeciso quanto a voltar ao Brasil ou não, pois já tinha alguns grupos e trabalhos acontecendo ou prestes a acontecer. Decidi esperar mais um ano, já que a Berklee oferecia um ano adicional de visto chamado de *practical training*, ou seja, algo parecido com um estágio. Neste ano, comecei a tocar regularmente na região de Boston com grupos de todo e qualquer tipo de música — o que eu conseguisse pegar, para adquirir experiência, e



também poder pagar as contas! Passado este ano, a saudade e a vontade de voltar ao Brasil foram ficando maiores, mas era difícil pensar em voltar e começar tudo de novo. Em algumas semanas, eu tinha sete, oito trabalhos com grupos de estilos musicais diferentes em cinco dias! Hoje, vejo que esse sufoco de trabalhar sem parar, mesmo às vezes fazendo coisas que não me agradavam tanto musicalmente, me abriram os olhos para o que penso ser a principal receita de um profissional de sucesso: a dedicação, o respeito e o amor ao que fazemos, incondicionalmente.

Uma coisa que sempre tento manter, mesmo em tempos difíceis, é o foco — onde quero chegar musicalmente e o que quero ser. Dessa forma, quatro anos depois de formado, a indecisão voltou e me vi forçado a mudar de lugar a fim de buscar novas experiências e continuar crescendo profissionalmente. Obviamente, o Brasil era uma escolha lógica, apesar de significar um recomeço difícil. Acabei decidindo me mudar para Nova York, por estar mais próximo e por já ter muitos contatos naquela cidade. Encontrei um cenário musical e artístico bastante diferente de Boston — extremamente ativo, 24 horas por dia, sete dias por semana, com muita competição e de difícil acesso. Viver e trabalhar num ambiente assim requer muita força de vontade, dedicação e, acima de tudo, paciência para que tudo se encaixe. **MD:** Conte-nos sobre seu trabalho com a Hiromi. **Maurício Zottarelli:** Tocar com a Hiromi é um sonho que se tornou realidade! Nós nos conhe-

cemos desde os tempos da Berklee. Chegamos a Boston na mesma semana, em 1999. Estou tocando oficialmente com ela desde janeiro deste ano e tem sido uma das coisas mais legais que já fiz. Sua música é extremamente difícil e exige muita concentração e boa forma técnica na bateria.

Suas composições misturam straight-ahead jazz, fusion, rock, funk, música latina, fórmulas de compasso e modulações métricas malucas, tudo isso com muita energia e dinâmica.

A Hiromi é extremamente perfeccionista. Após os shows nós sempre conversamos sobre o que tem de ser mudado, onde precisamos nos concentrar mais, novas ideias de grooves, solos etc. Tocar com ela e com o resto do pessoal (o baixista Tony Grey, o guitarrista e vocalista John Shannon e o guitarrista Dave Fiuczynski, do Screaming Headless Torsos) tem sido uma experiência fantástica.

MD: Como é seu dia a dia?

Maurício Zottarelli: Imagino que não deva ser muito diferente do dos outros músicos. Estou sempre pensando em música — às vezes num groove que acabei de ouvir, algo que toquei na noite anterior, uma composição nova que está tomando forma, ideias para praticar. Dentro do possível, procuro dividir o dia em partes, tentando fazer as coisas que são necessárias diariamente, mas sem deixar de lado as ideias musicais. Procuro deixar uma hora, às vezes duas, para estudar. Quando consigo mais tempo livre, geralmente pego algo novo e tento tocar e ab-

sorver o máximo possível. Procuro reservar também um pouquinho de tempo para compor, algo que sempre gostei de fazer.

MD: Quais são seus projetos?

Maurício Zottarelli: Meu principal objetivo para os próximos anos é trabalhar com meu próprio grupo. Acabei de lançar meu primeiro disco-solo, chamado *7 Vidas (7 Lives)*. O disco conta com várias composições minhas e também algumas músicas dos pianistas envolvidos no projeto. O som é uma mistura de música brasileira, jazz e fusion. Tive o privilégio de contar com a participação de músicos excepcionais: Dom Salvador, Cidinho Teixeira, Esperanza Spalding, Gustavo Assis Brasil, Rodrigo Ursaia, Itaiguara Brandão, Brandi Disterheft, Milene Corso e Oriente Lopez. O disco foi mixado por David Darlington, que há alguns anos ganhou um Grammy trabalhando com Wayne Shorter. Dave estava envolvido com a gravação do novo disco do Sting, mas conseguiu me encaixar no seu horário. Estou muito feliz com o resultado! Independentemente do meu trabalho-solo, quero continuar contribuindo com múltiplos projetos e artistas. Ainda este ano estarei trabalhando novamente com o incrível guitarrista indiano Prasanna. Seu som é uma mistura única de música clássica do sul da Índia (carnática), jazz, rock e fusion. Também estou planejando um novo disco com o guitarrista Gustavo Assis Brasil (o primeiro foi lançado em 2003, com o nome *Dig Trio*). Já estou começando a compor um novo material para um possível segundo disco a ser gravado em algum momento este ano ou no ano que vem.

MD: Que dica você pode dar para quem quer viver de música nos EUA?

Maurício Zottarelli: Viver de música não é fácil e imagino não importar muito o local onde vivemos. Para aqueles que pretendem seguir uma carreira na música, aconselho muita seriedade, dedicação e amor ao que faz. Acredito haver espaço para todo mundo e inúmeras possibilidades no meio musical, tanto nos EUA quanto no Brasil. Dependendo da postura quanto à profissão, essas oportunidades vêm ao nosso encontro ou não. Precisamos estar mental e espiritualmente abertos e de "orelha em pé" quando uma oportunidade boa aparece. Outro ponto importante é respeitar a cultura musical e o lugar onde vivemos. Se uma pessoa toma a decisão de morar e tentar a carreira musical nos EUA, acho importante essa pessoa falar inglês fluentemente, respeitar e tentar entender o país e sua cultura pelo que eles são. Dessa forma, em vez de restringir nossa atuação no mercado, estaremos crescendo enquanto indivíduos e também abrindo nosso leque de possibilidades de trabalho e de experiências.

